



A HISTÓRIA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB) E SUA MENÇÃO NO ENSINO BÁSICO

THE HISTORY OF THE BRAZILIAN EXPEDITIONARY FORCE (FEB) AND ITS MENTION IN BASIC EDUCATION

Luccas Duarte Pereira¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar, através de uma pesquisa qualitativa, como a História da Força Expedicionária Brasileira marcou uma nova era de bravura na história brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial, quando foram lutar na Itália a mando do chefe de estado Getúlio Vargas. Além de analisar de que forma a FEB está sendo retratada e lembrada no Ensino brasileiro. Durante a 2ª GM foram convocados homens e mulheres para que pudessem representar o Brasil, ao lado dos países Aliados, contra as forças do Eixo. Os bravos brasileiros escolhidos enfrentaram grandes desafios em sua jornada na Itália, principalmente devido ao frio, a falta de estrutura adequada e a falta de treinamentos.

Foram utilizados como fonte quatro livros didáticos, um do Estado do Paraná (2008) “História: Ensino Médio”, do autor Bonini *et al.*, e três do Estado de São Paulo, sendo um da coleção da Inspire (2018), “Inspire História – Manual do Professor”, do autor Seriacopi *et al.*; dois da coleção Moderna (2018), um do autor CAMPOS, F. *et al.* “História: Escola e Democracia – Manual do Professor”; o segundo, da editora FERNANDES, A. Claudia. *et al.* “Araribá mais História”. Além dos livros didáticos, foi utilizado um Caderno Temático: *II Guerra Mundial – De homens anônimos a heróis anônimos: A Força Expedicionária Brasileira e a participação dos paranaenses no período do conflito*, do autor Eliaquim Sérgio Chaves da Conceição, professor de História do CEEBJA-Ivaiporã e pós-graduado em Educação de Jovens e Adultos-UFPR.

Palavras-Chave: Força Expedicionária Brasileira. FEB. Pracinhas. Brasil. Segunda Guerra Mundial. Ensino Básico.

ABSTRACT

The aim of this article is to present, through qualitative research, how the history of the Brazilian Expeditionary Force marked a new era of bravery in Brazilian history, during the

1

Graduando do 4º ano de curso de História pelo UNISAGRADO, Bauru-SP. Artigo realizado para as disciplinas de História Contemporânea e Metodologia de Pesquisa em História, sob a orientação da Profª Drª Lourdes M. C. Feitosa e do Profº Drº Roger M. M. Gomes. E-mail: luccasduarte9@gmail.com.



Second World War, when they went to fight in Italy at the behest of the head of state Getúlio Vargas. In addition to analyzing how the FEB is being portrayed and remembered in Brazilian education. During World War II, men and women were called up to represent Brazil alongside the Allied countries against the Axis forces. The brave Brazilians who were chosen faced great challenges on their journey to Italy, mainly due to the cold, the lack of adequate facilities and the lack of training. Four textbooks were used as sources, one from the State of Paraná (2008) "História: Ensino Médio", by the author Bonini et al, and three from the state of São Paulo, one from the Inspire collection (2018), "Inspire História - Manual do Professor", by the author Seriacopi et al.; two from the Moderna collection (2018), one by the author CAMPOS, F. et al. "História: Escola e Democracia - Manual do Professor"; the second, by the publisher FERNANDES, A. Claudia. et al. "Araribá mais História". In addition to the textbooks, a Thematic Notebook was used: World War II - From anonymous men to anonymous heroes: The Brazilian Expeditionary Force and the participation of people from Paraná in the period of the conflict, by the author Eliaquim Sérgio Chaves da Conceição, a history teacher at CEEBJA-Ivaiporã and a postgraduate in Youth and Adult Education-UFPR.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force. FEB. Pracinhas. Brazil. World War II. Basic Education.

Introdução

A Segunda Guerra Mundial começou em 1939 como um conflito inteiramente europeu, contendo apenas três países envolvidos, a Alemanha contra a Grã-Bretanha e a França. Mais tarde em 1940, com grande parte da França ocupada, a Itália entra ao lado alemão. Porém, a guerra tornou-se de fato global com a entrada do Japão ao lado da Alemanha, e realizado um ataque a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, como consequência de um embargo econômico realizado pelos Estados Unidos.

Os soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB), ou pracinhas, formaram um grupo composto por 25.834 brasileiros (homens e mulheres) de quase todos os Estados do país, ocasionando uma grande miscigenação e choque cultural entre eles. Também houve, como resultado, diversos embates entre praças e oficiais devido à manutenção da hierarquia pelos soldados de carreira.

A jornada brasileira na Itália começou em 1944 com o principal intuito de auxiliar as tropas Aliadas em suas batalhas, eram eles os encarregados de manter os territórios italianos já controlados. Porém, acabaram por se envolver diretamente no conflito, pois lhes foi passado a



missão de manter as tropas alemãs devidamente ocupadas, para que não se dirigissem a outros fronts.

Os soldados brasileiros foram personagens de grandes batalhas, tendo conquistado sua marca na história, principalmente sua integração com o povo italiano, que atualmente prestam homenagens em memória aos pracinhas. Já no Brasil os soldados foram recebidos com festa no desembarque logo após o término da Segunda Guerra Mundial. Porém, ao longo da história foram sendo desprestigiados pelo governo, principalmente nos livros didáticos do Ensino Médio, nos quais mal são citados.

1. A Segunda Guerra Mundial

Segundo Gondim (2004), a Primeira Guerra Mundial foi um dos principais motivos para o início da Segunda Guerra, pois com o fim do primeiro conflito foi estabelecido o acordo de paz Tratado de Versalhes, que ocasionou a diversos problemas para os países perdedores sendo humilhados, principalmente na Alemanha que mais tarde subiria ao poder o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nazifascista), através de discursos nacionalistas, tendo Adolf Hitler como líder.

Para Gondim (2004), os preparativos para a 2ª GM começaram logo em 1933 com a Alemanha Nazista quebrando diversas exigências impostas no acordo de paz da 1ª GM. Em 13 de março de 1938 ocorreu a anexação da Áustria, pela Alemanha, conhecido como Anschluss e logo após, 14 de março de 1939, integra os Sudetos ao 3º Reich. Ainda, segundo o autor, a Inglaterra e a França pressionam a Alemanha para que parasse sua Campanha Expansionista ou declarariam guerra. Aviso esse que foi ignorado e a Alemanha invade a Checoslováquia e a integra ao seu território. Não houve respostas das duas grandes potências.

Após a firmação do Pacto Molotov-Ribbentrop (Pacto Germano-Soviético), a Alemanha, no dia 1º de setembro de 1939, invadiu a Polônia. Novamente, no dia 3 de setembro, a Inglaterra e a França enviam um ultimato a Hitler, reforçando que se caso não retirasse as tropas da Polônia, a guerra seria a única solução. Hitler rejeita a proposta, e a guerra estava oficialmente declarada.



A Segunda Guerra Mundial foi travada até o fim, sem ideias sérias de acordo em nenhum dos lados, com exceção da Itália: “[...] que trocou de lado e regime político em 1943 e não foi inteiramente tratado como território ocupado, mas como um país derrotado com um governo reconhecido. Sendo uma guerra de ideologias foi travada até as últimas consequências”. (GONDIM, 2004, p. 12)

2. O Brasil na Segunda Guerra Mundial

A década de 1930 traz grandes modificações no Brasil, que se vê diante de uma revolução política, no qual o antigo sistema chamado “Café com leite” consistia em uma alternância de poder entre os estados de Minas e São Paulo, a qual é substituída através de um golpe que leva Getúlio Vargas ao poder. O até então presidente Washington Luís é deposto de seu cargo através de uma junta militar.

Com a Revolução de 1930, Getúlio Vargas se tornou chefe do governo provisório até 1934, ano que foi eleito indiretamente pelo congresso, já em 1937 através de um golpe se torna ditador do Brasil.

Como a constituição do país estava suspensa desde a revolução foi instaurado um regime totalitário, que deu início a uma crise política. Já em aspectos econômicos o governo Brasileiro enfrentou uma série de dificuldades.

Conforme Gondim (2004), o Brasil, na década de 1930, possuía uma economia agrária, uma pecuária fraca, e era grande importador de variados produtos, com grande foco em manufaturados. E logo após 1933 o governo americano adotou uma postura mais agressiva em relação à antiga Doutrina de Monroe “pela cooperação, nos mesmos propósitos de defesa e auxílio recíproco das Repúblicas do Continente”.

“Em 1935 o Brasil assinou um acordo de livre comércio preferencial com Estados Unidos e Alemanha, obtendo vantagens de ambos, o que era um reflexo da política pendular de Getúlio Vargas”. (GOYOS, 2013, p.18). Apesar de diversos acordos entre o Brasil e os Estados Unidos, o governo brasileiro possuía uma tendência a apoiar o regime Nazista alemão.



Em 1937 Getúlio Vargas se torna ditador do Brasil, através do falso Plano Cohen, como uma justificativa de impedir o avanço comunista no país: “Na manhã de 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas deu um putsch, um autogolpe, dissolvendo o Congresso Nacional por ação da polícia, evitando ostensivas do Exército”. (FAUSTO, 2006, p. 80).

Mesmo com diversos acordos comerciais, diplomáticos e a proximidade entre o Brasil e a Alemanha, Getúlio Dorneles Vargas, até então Chefe de Estado, garantiu que o Brasil se manteria neutro durante este período de instabilidade global, tendo como principal objetivo garantir a segurança nacional e consolidar-se no poder. Tomando uma postura pró-americana apenas após o ataque japonês aos Estados Unidos, onde Vargas percebe que a guerra estava perto da América.

Durante a III Reunião de Consulta aos Ministros das Nações Americanas, ocorrida no Rio de Janeiro em janeiro de 1941, o Brasil decidiu romper as relações diplomáticas com os países do Eixo, onde Vargas realiza um discurso:

É propósito dos brasileiros defender, palmo a palmo, o próprio território contra quaisquer incursões, e não permitir que possam as suas terras e águas servir de assalto para as nações irmãs. Não mediremos sacrifícios para a defesa coletiva, faremos o que as circunstâncias reclamarem, e nenhuma medida deixará de ser tomada a fim de evitar que, portas adentro, inimigos ostensivos ou dissimulados se abriguem e venham a causar dano, ou pôr em perigo a segurança das Américas. (SILVA, 1972, p. 191)

Em dezembro de 1941, logo após o ataque a Pearl Harbor, Vargas convocou uma reunião ministerial, onde todos os Ministros demonstraram apoio aos Estados Unidos.

A Alemanha que obrigou o Brasil a participar efetivamente da guerra, ao impedir o comércio brasileiro no Atlântico Norte, através de submarinos. Em 15 de fevereiro de 1942, o primeiro navio brasileiro foi afundado, o cargueiro Buarque, logo em seguida o mesmo ocorre com o cargueiro Olinda. O Brasil diante desses ataques realizou protestos diplomáticos, estes que nada adiantaram, pois ocorreu uma segunda leva de ataques do Eixo em agosto de 1942, onde mais cinco navios brasileiros foram afundados em águas do nosso território.

Diante de tal ato, o Brasil se vê despertado e alvorecido de sentimentos violentos devido a esses ataques que resultaram em mais de 500 mortos em uma guerra da qual não fazia parte. A população brasileira, mais do que nunca, saiu às ruas pedindo uma ação do Governo, este que “em 22 de agosto do mesmo ano, Getúlio reconhece o Estado de Beligerância entre Brasil,



Alemanha e Itália, que nove dias depois será transformado em Estado de Guerra.” (SANTOS, 2006, p. 43).

Incentivos não faltaram para a entrada do país na Guerra, surgiram organizações pró-aliados, organizações nacionalistas, e organizações comunistas apoiaram o Brasil nessa batalha. O país inteiro estava unido neste momento, os efetivos e os reservistas foram convocados, a população civil estava empenhada ajudando com o que podia, as mulheres se dedicaram ao treinamento em hospitais para serem enfermeiras de guerra, e as escolas trabalhavam o tema.

Segundo Santos (2006), a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi ao mesmo tempo do período de desarticulação do Estado Novo. A decisão de adentrar no conflito foi contestada pela alta cúpula do exército brasileiro, porém graças ao ideal nacionalista, combinada com o apoio do povo, foi o suficiente para Vargas tomar uma decisão autoritária e declarar guerra à Alemanha.

As questões relativas à guerra só foram totalmente definidas em 1944, momento em que:

Determinou-se neste meio tempo, o envio de uma Força Expedicionária aos campos de batalha do além-mar, mas na visão da população, à medida que passava o tempo, talvez fosse mais fácil fazer uma “cobra fumar”, do que o Brasil participar efetivamente da guerra. O povo assumiu seus riscos apoiando e demandando uma declaração de guerra. O Presidente também. (SANTOS, 2006, p. 44).

3 A Criação da Força Expedicionária Brasileira

Com a declaração oficial de envolvimento na 2ª GM, o Brasil foi pressionado pelos Aliados a entrar em definitivo no conflito, deixando de ser apenas um apoiador e participar efetivamente com tropas. Segundo Santos (2006), para Vargas a FEB seria uma jogada política que fortaleceria as Forças Armadas Brasileiras e garantiria a presença brasileira na América Latina, além da possibilidade de possuir uma voz ativa na conferência de paz a fim de obter alguma vantagem para o país.

Apesar da pressão dos Aliados, a FEB foi resultado de uma parceria brasileira conjunta com os Estados Unidos. Ela seria produzida com base nas divisões de agrupamentos norte-americanos, visto que possuíam mais experiência em batalhas reais.



De acordo com a Resolução nº 16, aprovada em 11 de agosto de 1943, onde se reuniram todos os resultados das conversações da Comissão Mista, a FEB teria três divisões (cada uma com cerca de 30 mil homens) e uma pequena unidade aérea; seguiria os padrões da organização militar americana e ficaria sob a direção funcional e estratégica do alto comando do exército americano. Desta forma, a responsabilidade pelos equipamentos, transporte, tempo e lugar de deslocamento estaria nas mãos dos Estados Unidos. (SANTOS, 2006, p. 48).

Os americanos não possuíam muita confiança sobre a criação da FEB, mesmo com a confirmação de Vargas, pois perceberem que seria uma manipulação política, e tinha como principal objetivo, o fortalecimento das Forças Armadas Brasileiras e não a guerra. Foi este um dos grandes motivos, segundo Santos (2006), que o Brasil ganhou uma cadeira nas Nações Unidas, já que os EUA sabiam os objetivos de Vargas, que possuía uma opinião contrária a inserção de seu país nesta organização.

Vargas possuía total conhecimento dos planos americanos, e assina um acordo em que, além de enviar recursos para as construções das bases militares, a FEB (que não estava completa e possuía apenas uma divisão) teria que ser enviada para o conflito. Desta forma, em 30 de junho de 1944 o Brasil envia, pela primeira vez em sua história, tropas para um confronto além-mar.

3.1 A Força Expedicionária Brasileira

O acordo entre Brasil e Estados Unidos previa que Getúlio enviasse cerca de 60 mil homens para o cenário de guerra Europeu, um número ambicioso “considerando que, no ano de 1943, o país possuía um total de apenas 90 mil homens em armas.” (GOYOS, 2013).

Os soldados brasileiros enfrentaram diversas dificuldades, principalmente pela falta de estrutura nos treinamentos sob o solo Brasileiro que não os prepararam adequadamente para enfrentar os terrenos montanhosos que viriam a enfrentar em solo Europeu. O armamento Brasileiro era totalmente obsoleto, existiam armas de diversos países dificultando a padronização nos treinamentos além da adequação ao estilo de guerra americano, a chamada guerra de movimento.



“O treinamento da Força Expedicionária foi precário, pois a concentração de tropas foi muito tardia, começando em janeiro de 1944 e durando até março, deixando apenas março e abril para o treinamento da tropa como Divisão.” (ALBINO, 2010, p.321).

O número de efetivo enviado a solo Europeu foi de 25.334 pessoas, representando 21 estados brasileiros, conforme Moraes (2005). Mulheres foram integradas na equipe de enfermeiras da FEB, equipe essa que contava com aproximadamente 20 mulheres.

Ao lado dos voluntários, encontrava-se a grande maioria dos convocados, oriundos de todas as partes do país. Estes foram chamados através de listagens nos jornais ou recebiam comunicados em casa. Ao apresentar-se, eram submetidos a exames de saúde, e após duas semanas, se aprovados, eram distribuídos para os quartéis onde começavam seus treinamentos como membros da infantaria expedicionária, na sua maioria. (SANTOS, 2006, p. 54).

Nos Estados Unidos havia a lei de segregação, soldados negros americanos recebiam equipamentos inferiores e eram tratados com extremo preconceito, eram discriminados. O Brasil não adotou esse modelo de segregação racial. No embarque da tripulação brasileira uma foto mostrou soldados brancos e negros juntos, o que causou grande repercussão nos Estados Unidos; esse fato posteriormente foi usado como um artifício para a luta contra a segregação racial. O jornal “Afro-Ame-American” publicou a foto com a manchete “Negros e brancos lutam juntos pelo Brasil, por que não pelos Estados Unidos?” (GOYOS, 2013).

Segundo Meron, é possível notar a partir de relatos dos soldados pracinhas Brasileiros. O Brasil era contrário a essa prática da segregação racial praticada pelo exército americano, e segundo alguns relatos de guerras, os soldados americanos negros feridos em batalha preferiam serem tratados pelas equipes médicas brasileiras, pois não sofriam discriminação racial sendo tratados como iguais.

As tropas da FEB, ao chegarem à Itália, encontram um país praticamente destruído pela guerra, onde grande parte da população italiana se encontrava em completo desamparo. E os números de civis mortos eram de aproximadamente 64 mil pessoas (GOYOS, 2013). O histórico de batalha da FEB, na Itália, possui de um saldo muito positivo, onde contribuíram para a vitória dos Aliados frente ao eixo em repletas batalhas.

Desde o dia 2 de julho de 1944, quando o primeiro escalão da FEB seguiu em direção à Itália, os expedicionários brasileiros combateram durante sete meses e dezenove dias



na Itália, tendo iniciado sua campanha em 16 de setembro, quando um batalhão do 6º Regimento de infantaria iniciou sua marcha na frente do rio Serchio, em uma ação que resultou na conquista de Camaiore. A FEB lutou em duas frentes, a primeira, no rio Serchio no outono de 1944, e a segunda e mais difícil a do rio Reno (na Itália) ao norte de Pistoia (na cordilheira dos Apeninos). Neste TO, partindo do Quartel General de Porreta-Terme, a FEB conquistou Monte Castelo (22 de fevereiro) e Montese (14 de abril). A campanha brasileira na Itália concluiu-se em 2 de maio de 1945, quando foi declarado o cessar fogo no front italiano. De um total de 25.445 soldados enviados ao front o Brasil contabilizou 443 baixas e cerca de 3.000 feridos. Sobre a composição da tropa, que consistiu em uma Divisão de Infantaria Expedicionária, 98% dos oficiais eram militares de carreira, enquanto entre os Praças, 49% eram civis que foram recrutados para a luta. (SALAFIA, 2013, on-line).

Ao finalizar suas atuações na Itália, a FEB iniciou seus preparativos para retornar ao Brasil em 6 de julho, tendo atracado aos portos brasileiros apenas em 3 de outubro de 1945. O retorno dos soldados brasileiros foi realizado em sete escalões, sendo:

O primeiro escalão, sob o comando do general Zenóbio da Costa, com 4.931 homens, a maioria do 6o RI, partiu de Nápoles no navio-transporte americano “General Meigs”, chegando ao Rio de Janeiro a 18 de julho de 1945. O segundo escalão, à base do 1o RI, com 6.187 expedicionários, partiu de Nápoles a 12 de agosto, chegando ao Rio a 22, no navio americano “Mariposa”. O terceiro escalão, composto por 1.801 homens do Depósito de Pessoal, viajou no navio brasileiro “Duque de Caxias” de 28 de agosto a 19 de setembro. O quarto escalão, com 5.342 homens, principalmente do Onze, veio no “General Meigs”, partindo de Nápoles a 4 e chegando a 19 de setembro. O 9º Batalhão de Engenharia e as tropas divisionárias viajaram no “Pedro F e “Pedro IF, chegando a 3 e 13 de agosto. Os últimos integrantes da FEB chegaram ao Rio de Janeiro a 3 de outubro de 1945, viajando no navio americano “James Parker. (GONDIM, 2004 p. 41).

Além disso, vale destacar o museu da FEB “José Maria da Silva Nicodemos” e sua coleção comemorativa sobre o Teatro de Operações Italiano na 2ª GM. O museu possui uma força simbólica muito forte, onde os próprios veteranos ajudam a manter o local memorativo a FEB. A coleção é composta por “[...] fotografias, cartazes, diplomas em óleo sobre tela; documentos históricos que compõem uma narrativa, emergindo memórias transformadas em história apresentada em um novo lugar de recordação”. (SILVA, 2011, p. 21).

Após analisar uma imagem retratando o desembarque dos pracinhas, é possível notar que foram recebidos com gigantescas manifestações dos populares, e o clima era totalmente animador:

Na imagem, observamos o centro do Rio de Janeiro ornamentado para o desfile das tropas que chegaram em cinco escalões ao longo de dois meses de viagem. Existe uma



sinergia de união, uma das poucas em muitos anos de história brasileira, significativa para reconhecer a importância (ainda que nos dias de hoje não seja lembrada) dos heróis brasileiros na Itália. (COSTA, 2012, p. 196)

A criação de museus surgiu como forma de preservar a memória, além de valorizar alguns acontecimentos por meio de documentos e objetos, criando um local com evidências do passado. Assim: “Ao museu cabe contemplar a pesquisa como campo de ação conjunta a preservação e comunicação”. (SILVA, 2011, p. 20).

Mesmo com a existência de alguns museus, a FEB é pouco lembrada nos dias de hoje, poucas pessoas comentam sua existência, até mesmo no Ensino Superior, raramente alguém possui algum conhecimento sobre os praças, o que acaba destruindo uma memória louvável de nós brasileiros. Existem poucos locais que guardam memória dessa época de orgulho do Brasil, que aos poucos, se não for dada tal importância, podem acabar por desaparecer.

3.2 A Representação da FEB no Ensino Médio e Fundamental

Primeiramente, é importante destacar a falta de notoriedade do tema perante a própria Base Nacional Comum Curricular brasileira, na qual o tema é recomendado a partir do 9º ano junto com um amontoado de temas e informações que deveriam ser retratadas com mais ênfase:

No 9º ano, aborda-se a história republicana do Brasil até os tempos atuais, incluindo as mudanças ocorridas após a Constituição de 1988, e o protagonismo de diferentes grupos e sujeitos históricos. O estudo dos conflitos mundiais e nacionais, da Primeira e da Segunda Guerra, do nazismo, do fascismo, da guerra da Palestina, do colonialismo e da Revolução Russa, entre outros, permite uma compreensão circunstanciada das razões que presidiram a criação da ONU e explicam a importância do debate sobre Direitos Humanos, com a ênfase nas diversidades identitárias, especialmente na atualidade. Do ponto de vista mais geral, a abordagem se vincula aos processos europeus, africanos, asiáticos e latino-americanos dos séculos XX e XXI, reconhecendo-se especificidades e aproximações entre diversos eventos, incluindo a história recente. (BRASIL, 2020, p. 418).

No estado de São Paulo, o governo promove a distribuição de apostilas didáticas para os alunos do Ensino Fundamental e Médio, sendo feitos dois volumes para cada série. As apostilas da disciplina de História são pautadas principalmente pela linha cronológica de acontecimentos. No que se refere ao ensino sobre a segunda guerra mundial, são exaltados principalmente os grandes acontecimentos europeus, levando o aluno a ter um grande panorama



do que ocorreu lá fora, mas se abstém em evidenciar sobre a participação do Brasil, quanto à criação da FEB, ou até mesmo de destacar seus grandes feitos e seu legado pós-guerra.

Ao todo, a Segunda Guerra é retratada por cinco páginas na apostila do primeiro volume do terceiro ano do ensino médio, não tendo mencionado a importância da FEB em nenhuma de suas páginas. A lacuna no conhecimento do aluno é algo irreparável, tendo dessa forma, o legado da FEB esquecido por grande parte de estudantes das escolas brasileiras.

Os ensinamentos dos grandes feitos realizados por brasileiros no século passado, principalmente das classes menos abastadas, são muitas vezes esquecidos ou substituídos nas páginas das apostilas e dos livros didáticos pela história dos grandes heróis.

Outro exemplo, no livro de História de Altair Bonini² *et al.* (2006), *História: Ensino Médio*, do Estado do Paraná, há diversas menções sobre a Segunda Guerra Mundial e tópicos referentes a ela, porém sobre o Brasil e sua participação só podemos encontrar um único tópico. Neste, há referência ao posicionamento do governo brasileiro perante o conflito, segundo o qual Getúlio Vargas, devido à ditadura do Estado Novo, era adepto da ideologia fascista. Contudo, cita que “as relações econômicas colocavam o Brasil na órbita dos Estados Unidos, empenhados na hegemonia econômica, política e militar sobre as Américas” e um pouco da trajetória dos praças, citando o desembarque em Nápoles na Itália. Por fim, conclui informando que os pracinhas “[...] lutaram no território italiano entre o final de 1944 e os primeiros meses de 1945. Ao todo, foram 239 dias de ações militares marcadas por centenas de baixas e algumas conquistas”. (BONINI *et al.*, 2006, p. 262).

Já no livro de Campos³ *et al.* (2018), *História – Escola e Democracia 9 – Manual do Professor*, trabalha o tema em destaque a partir da página 94 se estendendo até a página 104. Delas, apenas a página 102 cita a participação brasileira se dá apenas no quesito de propagando

²Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Maringá (1996), Especialista em História e Sociedade (2000) e Mestrado em História pela Universidade Estadual de Maringá (2006). Foi Coordenador da Disciplina de História e da Diversidade no Núcleo Regional de Educação de Maringá. Atualmente é professor concursado pela Secretaria de Estado de Educação do Paraná na cidade de Maringá e doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem experiência na área de História, ensino de história, atuando principalmente nos seguintes temas: mulheres, gênero, ensino, cultura, trabalho, poder.

³Bacharel e licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em História na área de História Social e doutor em Ciências na área de História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor doutor do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP). Coordenador científico do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens-USP). Autor de livros didáticos e paradidáticos.



utilizando a criação do personagem Zé Carioca em 1942, um “papagaio alegre, hospitaleiro, malandro e vagabundo. Um personagem que gosta de samba, de futebol e de cachaça”, que representa o Brasil nos Estúdios Disney e como o novo integrante das forças Aliadas. (CAMPOS *et al.*, 2018, p. 102)

Infelizmente o livro *Araribá Mais História 9 – Manual do Professor*, do autor Fernandes⁴ *et al.* (2018), retrata até mesmo a Segunda Guerra Mundial de forma extremamente rasa, informando apenas o início do confronto, algumas tomadas de decisões do Eixo como a invasão a URSS, logo após comenta sobre a Ofensiva Aliada no Pacífico e sobre os últimos momentos da guerra onde houve os ataques nucleares contra Hiroshima e Nagasaki. Em nenhum momento é citado sequer a participação brasileira. (FERNANDES *et al.*, 2018, p. 83-89)

Outro livro analisado, dos autores AZEVEDO⁵ e SERIACOPI⁶, *Inspire – História – Manual do Professor*, apresenta a Segunda Guerra Mundial a partir do Capítulo 4 – O Totalitarismo e a Segunda Guerra Mundial que percorre desde a página 86 até a página 107, apresentando um período pré-guerra, o conflito em si, o início da participação brasileira destacando a formação da FEB em 1943 e algumas de suas conquistas como da cidade de Turim e a ocupação do Monte Castelo. A partir da página 101 retrata o fim da guerra no Pacífico e dos ataques nucleares americanos, além do período pós-Guerra e uma breve citação da Guerra Civil Espanhola que antecede a 2ª GM. (SERIACOPI, G. C. Azevedo; SERIACOPI, Reinaldo, 2018, p. 86-107)

Por fim, um belo exemplo que deve ser seguido no desenvolver dos materiais referentes ao tema é o Caderno Temático: *II Guerra Mundial – De homens anônimos a heróis anônimos: A Força Expedicionária Brasileira e a participação dos paranaenses no período do conflito*,

⁴ Bacharela em História e mestra em Ciências no programa de História Social pela Universidade de São Paulo. Editora.

⁵ Mestra em História: História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi professora universitária, pesquisadora e professora de História dos ensinos Fundamental e Médio nas redes pública e privada. Vencedora do Prêmio Jabuti de 2013 na categoria Didáticos e Paradidáticos.

⁶ Bacharel em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e Comunicação Social pelo Instituto Metodista de Ensino Superior. Editor especializado na área de História. Vencedor do Prêmio Jabuti de 2013 na categoria Didáticos e Paradidáticos.



do autor Eliaquim Sérgio Chaves da Conceição ⁷*et al.* Neste trabalho há uma ótima apresentação da FEB e da II Guerra Mundial com intuito de

evitar o esquecimento progressivo dos horrores da II GUERRA MUNDIAL, bem como o distanciamento e desconhecimento da maioria da população sobre as ações da FEB do Paraná, além de oportunizar a inserção do tema nas ações pedagógicas das Escolas Públicas do Estado do Paraná. (CONCEIÇÃO, 2008, p. 5)

O Caderno Temático possui uma periodização dos conteúdos, divididos em seis tópicos-textos, de forma a retratar especificamente quem eram os soldados da FEB. No Texto 1: “Problematização”, é apresentado a condição dos soldados, que eram “pessoas simples, representadas por lavradores, trabalhadores de vários ofícios, estudantes, moços de escritórios do Paraná, juntamente com outros tantos jovens, gaúchos, mineiros, cariocas, paulistas, nordestinos”. No Texto 2: “Memória e Identidade”, sua memória, visto que “compreender a memória de um grupo social é de fundamental importância para se compreender a sua identidade, seja ela local, regional ou de uma nação.” O Texto 3: “Contextualizando o Brasil de 1940” contextualiza a situação brasileira durante a década de 40, como o número de sua população que “segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Brasil com uma população de pouco mais de 40 milhões de habitantes”, entre outras informações estruturais e econômicas. Já o Texto 4: “O Brasil Entra na Guerra” retrata a entrada brasileira no conflito discutindo sobre a Ditadura Vargas e como foi influenciada pelo ocorrido na Europa. No Texto 5: “A Constituição da Força Expedicionária Brasileira (FEB)”, é tratado justamente o acordo estabelecido entre os EUA e o Brasil que levou a criação da FEB; algumas “artimanhas” utilizadas por algumas pessoas para fugirem do recrutamento, de que forma foi feito o recrutamento para a FEB; As divisões da FEB e alguns de seus conflitos. O Texto 6: “A Desmobilização da FEB”, que retrata justamente do retorna da FEB para o Brasil e de que forma o Governo utilizou de jogadas políticas para extinguir e promover seu esquecimento. E por fim, o Texto 7: “A Experiência e expectativas de ex-combatentes na região do Vale do Ivaí”, mostra

⁷ Professor de História do CEEBJA-Ivaiporã, pós-graduado em Educação de Jovens e Adultos-UFPr., experiência profissional como Inspetor Estadual de Educação, Secretário Municipal de Educação, Chefe de Núcleo de Ensino e Presidente de APAE.



como em um dia são tratados como heróis e no outro esquecidos e abandonados, visto que após o arrebatamento das festas veio a tona a dura realidade que os Febianos enfrentariam:

E vão andando, espiam as vitrinas, mas não podem entrar nos bares que estão cheios de avisos: OUT OF BOUNDS TO ALL RANKS. Sim, a cidade em grande parte é off limits. Nós, os homens fardados de várias raças e países, estamos separados na vida social da população civil por inúmeros cartazes que o comando militar mandou pregar para preservar para florentinos seus pontos de reunião, suas comidas, suas bebidas. Nossas liras de ocupação não podem comprar a entrada desses pequenos reinos civis, La dentro, os homens e mulheres, estão protegidos da invasão de nossas botas, de nossas línguas estranhas, de nossos olhares... (BRAGA, Rubem. P 101-10).

Com exceção do Caderno Temático, como o apresentado acima, poucos livros didáticos, referentes à história, voltados ao Ensino Médio possuem, ao menos, uma breve citação sobre a FEB disponibilizando, na maioria das vezes, apenas dois textos sobre o ocorrido. Estes textos seguem uma linha positivista, pondo apenas “fatos”, e não discorrendo sobre eles, deixando de lado a importância da participação brasileira.

Considerações Finais

O Brasil, comparado com os outros países participantes da Guerra, deixou seus fatos caírem no esquecimento e a FEB perdeu sua memória que, principalmente no ensino público, é pouco citada. Dessa maneira, acaba por desprestigiar os grandes feitos conquistados pelos soldados que superaram barreiras para defenderem sua pátria e o resto do mundo de um partido ditador que torturava e realizava atos desumanos com diversos povos.

A preservação da memória, principalmente dos soldados, possui uma enorme importância, pois construíram uma cultura Febiana em partes do país. Esta deixou um legado de superação e principalmente da capacidade dos brasileiros de deixar as diferenças de lado sejam elas raciais ou étnicas e ajudar uns aos outros no campo de batalha em um país e terreno completamente desconhecido.

Poucas pessoas fora do ambiente militar e dos historiadores possuem conhecimento sobre a existência desta cultura Febiana. Ainda menos pessoas possuem o conhecimento sobre como os italianos retratam os pracinhas e celebram o dia 25 de abril de 1945, considerado o Dia



da Libertação da Itália das mãos dos nazistas, “sendo uma das principais datas cívicas italianas”. (BRASIL, 2019, on-line).

Seria oportuno que as escolas brasileiras tivessem em sua grade curricular um espaço específico para estudar a campanha dos Pracinhas na Segunda Guerra Mundial, levando o aluno a reviver o senso desse ato heroico. As apostilas poderiam exibir imagens dos soldados em momentos de lazer, além das situações de combate, exaltar os grandes feitos da campanha brasileira em território italiano, além de destacarem as mulheres que atuaram no front em companhias médicas, para que nosso país conhecesse e se posicionasse contra qualquer tipo de governo ditatorial ou apoiador de ditaduras que matam suas populações.

FONTES

BONINI, A. *et al.* **História: Ensino Médio**. 2. ed. Paraná: Secretaria de Estado da Educação, 2006;

CAMPOS, F. *et al.* **História: Escola e Democracia – Manual do Professor**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018;

CONCEIÇÃO, E. S. Chaves da. *et al.* **Caderno Temático II Guerra Mundial - De Homens anônimos a heróis anônimos: A Força Expedicionária Brasileira e a participação dos paranaenses no período do conflito**. Paraná: Londrina, 2008;

FERNANDES, A. Claudia. *et al.* **Araribá mais História**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018;

SERIACOPI, G. C. Azevedo; SERIACOPI Reinaldo. *et al.* **Inspire História – Manual do Professor**. 1 ed. São Paulo: Inspire, 2018.

REFERÊNCIAS

ALBINO, D. Cobras fumando: A Força Expedicionária Brasileira na Campanha da Itália. In: SILVA, F. C. T. (org.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

BRASIL. Ministério da Defesa. Itália homenageia Força Expedicionária Brasileira ao comemorar os 74 anos do fim da 2ª Guerra Mundial. **Eb.mil.br**, 2019. Noticiário do Exército. Disponível em: https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/cerimonias-na-italia-em-homenagem-a-forca-expedicionaria-brasileira-feb-rememoram-os-74-anos-do-fim-da-2-guerra-mundi-1/8357041. Acesso em: 14 set. 2020.



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2020.

COSTA, M. A. T. Imagens e memórias: uma análise da participação da força expedicionária brasileira na segunda guerra mundial. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 26, n. 1, p. 181-198, 2012.

FAUSTO, B. **Getúlio Vargas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONDIM, Z. C. A. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: a atuação da FEB**. 2004. 50 f. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

GOYOS, D. N. **A campanha da Força Expedicionária Brasileira pela libertação da Itália**. 1. ed. São Paulo: Cultura acadêmica, 2013.

MERON, Luciano Bastos. **Memórias do front: relatos de guerra de veteranos da feb**. 2009. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

NETO, L. **Getúlio 1930-1945: Do governo provisório à ditadura do Estado Novo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

OLIVEIRA, D.; SKORA ROSTY, C. **A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial: Estudos e Pesquisas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, 2012.

OLIVEIRA, G. M. B. **A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a importância da liderança em conflitos armados**. 2011. 96 f. Monografia (Bacharel em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2011.

SALAFIA, A. L. FEB do Início ao fim: Uma história esquecida sobre os brasileiros que lutaram na Itália. **Portalfeb.com.br**, 2010. História. Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/armamento/feb-do-inicio-ao-fim>>. Acesso em: 15 set. 2020.

SANTOS, L. I. **Há algo de novo no front: A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 2006. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SILVA, Hélio. **1942: Guerra no Continente**. Rio de Janeiro, 1972.

SILVA, H. F. **Memorial da Força Expedicionária Brasileira: uma face da glória**. 2011. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.